



# POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:  
Manuel Virgínio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

## TRINTA ANOS

**C** «POVO ALGARVIO» faz 30 anos. Recordando o facto, lembrei-me, ao mesmo tempo de escrever o presente artigo, que irá, certamente surpreender o seu Director.

E escrevo-o, por quê? Por duas únicas razões:

A primeira, razão de amizade simplesmente.

Eu cultivo, e disso me orgulho, a amizade. E mal iria aos homens quando este sentimento desaparecesse, e... mal irá aos homens se tal sentimento, um dia, vier a acabar...

A cultura da amizade assemelha-se à plantação duma árvore. Uma e outra são «plantadas». Se não surgirem contrariedades, se as «condições» de temperamento e de carácter, quanto a uma, e se as condições do local forem favoráveis, quanto a outra; se enfim, todas as condições forem propícias, as duas «árvores» crescem, uma, chamada amizade, outra... chamada aquilo que ela fór. Pois bem.

Já tenho plantado muita árvore e muita flor, desde a laranjeira viçosa, até ao mais humilde jasmim. E a par disso, tenho cultivado a amizade, a árvore que, tal como aquelas árvore e flor, devo e quero manter.

O Director deste Jornal foi meu professor, nos primeiros anos do ensino secundário. E eu, pelos meus professores, desde os da instrução primária até aos do ensino superior, tive sempre, e continuo a ter, a maior veneração. Afinal, uma das tais árvores...

Nesse número encontrava-se o Manuel Virgínio Pires. Esta a primeira razão deste artigo. Atentemos na segunda:

Já por mais de uma vez ouvi dizer — e é verdade — que uma terra sem jornal é como que um corpo sem voz.

Consequentemente, o «Povo Algarvio» é, nada mais e nada menos, do que a «voz do concelho de Tavira», essa voz que acaba de completar 30 anos de idade, ao serviço da sua terra.

Num dia de aniversário, além dos votos de longa vida, recorda-se o passado do «menino», a sua vida anterior, como nasceu até e o que tem sido.

Este «menino» de agora chamado «Povo Algarvio», nasceu, tem o seu passado e o seu presente, passado e presente conquistado à custa de muito esforço, perseverança, tenacidade.

### DR. LUIS GORDINHO MOREIRA

A seu pedido e por ter sido nomeado para chefiar a direcção da T.A.P., em Faro, deixou de exercer as funções de Presidente da Câmara de Faro, o sr. Dr. Luis Gordinho Moreira.

A sua acção à frente do município farense foi relevante durante os 9 anos de exercício, dotando a cidade de importantes melhoramentos.

Deste modo afasta-se da vida municipal farense uma figura de prestígio.

Por tal motivo lhe endereçamos as nossas mais cordiais saudações com votos de muitas prosperidades no exercício das suas novas e altas funções em prol do turismo da sua e nossa querida província.

Este «Povo Algarvio», tem singrado, e ocupa um lugar de destaque na imprensa algarvia, mercê da actividade dos seus antigos e actual Directores e da indefectível colaboração de um grupo de amigos que, uns meritóriadamente, outros humildemente, como eu, lhe têm dado, do pouco ou muito que podem, a sua desinteressada ajuda.

E digo isto, porque um jornal de província, sem o auxílio dos grandes potentados, sem a compensação dos inúmeros e quantiosos anúncios, significa,

Continua na 2.ª página

### O SR. MINISTRO DA JUSTIÇA VISITOU EM FARO A CASA DOS MAGISTRADOS

O sr. Ministro da Justiça esteve em Faro no passado domingo, dia 24, a fim de proceder à visita da nova Casa dos Magistrados.

O sr. Prof. Doutor Antunes Varela foi agudado em S. João da Venda, cerca das 11,30 horas, por diversas individualidades. Presentes, entre outras, os srs. Governador Civil, Reitor do Liceu, Monsenhor Manuel Pardal em representação do sr. Bispo, Secretário Geral do Governo Civil, Comandante do Regimento, Comandante da Guarda Nacional Republicana, Capitão do Porto de Faro, Corregedor do Circulo Judicial, Juiz da comarca, Adjuncte do Procurador da República, Delegado da Ordem dos Advogados, Deputados srs. Drs. João Cardoso e Jorge Correia, Inspector da PIDE em Faro, Vice-Presidente e Vere-

Continua na 4.ª página

### TREZENA DE SANTO ANTÓNIO

Inicia-se amanhã, na sua Igreja da Atalaia, a tradicional trezena em honra de Santo António.

## Crónica de LISBOA...

por: LIBERTO CONCEIÇÃO

### MAIS UM ANIVERSÁRIO!

Trinta anos! Parece que foi ontem! Quem diria que «o Tempo passa a correr, corre, e nem sequer... se detem por um segundo!...»

Trinta anos! quase uma Vida! Em breve o «Povo Algarvio» irá completar mais um ano da sua difícil e perseverante existência!

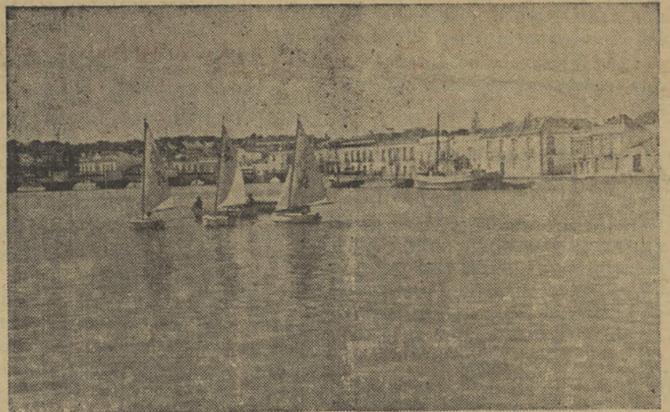
Em breve, aqueles que ao longo do Tempo tudo têm feito para assegurar a existência de um Jornal, embora modesto, nessa cidade do Gilão,

## TAVIRA GANHOU UMA ETAPA!

A desafectação foi deferida! Custou mas foi! Agora sim! Todas as exclamações que se ouvem exprimem bem o inusitado regozijo que grassa pela cidade de D. Pató, e não só por ela porque o mesmo assunto interessa também a Olhão que aguarda desafectação semelhante.

E não é pouca a razão que assiste a quem exterioriza um sentimento que revela um interesse estreme pelo progresso material duma terra que se conformou, por

Continua na 6.ª página



Uma vista do Rio Gilão, vendo-se ao fundo a cidade

# A Desafectação da Ilha de Tavira

## OUVINDO O DR. JORGE CORREIA



MUITO embora a agradável notícia já há dias tivesse sido recebida, o sr. Dr. Jorge Correia, pediu-nos que não a divulgassemos por enquanto porém, chegado que foi a data da passagem no 30.º aniversário do «Povo Algarvio» procuramo-lo como de costume, para nos transmitir algo dos seus projectos e actividades municipais.

Como falar neste momento para o jornal sem focar o problema de maior interesse para a vida concelhia?

E o Dr. Jorge Correia, com aquela alegria estampada no rosto, própria das grandes emoções, não nos pôde ocultar mais este grande triunfo da sua carreira política e foi por assim dizer forçado a transmitir-nos a sensacional notícia, que virá resolver um dos seus grandes sonhos — o progresso tavirense.

## NO TRIGÉSIMO ANO

Ao longo do cais da esperança caninhámos há trinta anos. E a caminhada vai longa, os pés cansados de andar, mas o desejo de bem servir a terra que nos foi berço anima-

-nos e leva-nos sempre mais além.

Em trinta anos contados, muita coisa no mundo se tem modificado. A razão de ser dum jornal de província também é hoje um pouco outra da que era quando este jornal foi bater à porta dos amigos para levar novidades e algum recreio, também.

Era então a imprensa regional a parede branca da ermida

Continua na 6.ª página

### VIII Festival Gulbenkian de Música em FARO

Conforme havíamos noticiado, realizou-se no passado dia 26 do corrente, na Alameda João de Deus, em Faro, o espectáculo do Grupo Experimental de Ballet, como fazendo parte integrante do VIII Festival Gulbenkian de Música.

Ao iniciar-se o espectáculo usou da palavra o sr. Dr. Emilio Campos Coroa, como delegado da Fundação Calouste Gulbenkian, que fez o elogio de tal magnífica organização, tendo palavras de apreço para os srs. presidente da Câmara de Faro e Eng. Osvaldo Bagarrão, pela colaboração que

Continua na 6.ª página

E assim nos fala o ilustre deputado e presidente do município tavirense.

— A Comissão do Domínio Público Marítimo votou favoravelmente a desafectação da Ilha de Tavira.

Não posso deixar de manifestar neste momento o meu mais profundo reconhecimento em primeiro lugar, a Suas Ex.ªs Senhores Ministros da Marinha e das Obras Públicas.

Espero oportunamente agradecer ao Governo da Nação nas pessoas dos seus mais altos representantes que tanto me ajudaram em tão árdua tarefa, através de mares encapitados de dificuldades.

Depois de longo estudo eu sabia o que dessa desafectação resultaria em benefícios para a minha terra e para o progresso do turismo algarvio e nacional.

E alguma vez se sentiu desalentado quanto à solução do problema?

— Nunca. A odisseia durou quatro anos e o primeiro projectos foi regeitado mas isso fez-me redobrar energias e contrariando a opinião de alguns cépticos eu nunca tive dúvidas que o Governo da Nação me havia de fazer justiça.

Resta-nos aguardar a homologação do citado parecer por Sua Ex.ª o Ministro da Marinha e a seguir a promulgação do respectivo decreto.

Depois, meu caro director muito teremos que dissertar no seu jornal para darmos conhecimento a todo o concelho do que vamos fazer. Falarei então pela segunda vez ao concelho de Tavira espe-

Continua na 6.ª página

## Dever cristão: Contribuir para o culto

SAIU no último número do nosso jornal um apelo à generosidade dos Tavirenses para que contribuam para o restauro das igrejas danificadas pelo terramoto.

Individualidades e colectividades têm, como nunca tiveram, ocasião para patentear quanto estimam os monumentos locais de que toda a Cidade se orgulha.

Os danos são tão avultados, as perdas tão difficilmente reparáveis que é bem a ocasião de recorreremos ao clero, nobreza e povo e de, irmanamente, juntarmos as quantias que estiverem ao nosso alcance e dá-las para fim tão nobre.

O nosso jornal abriu uma subscrição, a venerável Irman-

Continua na 2.ª página



hão-de sentir um misto de ternura, de orgulho, de satisfação pelo dever cumprido! E quando, simbolicamente, anteviram que mais uma vela se acendeu, — não no bolo simbólico dos aniversários, — mas no altar da saudade por aqueles que já partiram para o além deixando o seu nome ligado ao porta-voz dos anseios de todos os habitantes do nosso concelho, hão-de verificar que mereceu apenas a existência do «Povo Algarvio»!

Continua na 2.ª página

# Crónica de Lisboa TRINTA ANOS

Continuação da 1.ª página

Mais um ano na vida de um Jornal de Província, duma cidade pequena como é a nossa, representa esforços, canseiras, preocupações e dificuldades de toda a ordem que não é de mais anotar nesta crónica.

Assistimos, ainda há pouco, na cidade do Porto, em representação do nosso Jornal, ao II Encontro da Imprensa Não-Diária. Durante os dias em que decorreram as reuniões que juntaram na Cidade Invicta os Directores dos principais Jornais da Província, muitas considerações teceram aos sacrifícios que a pequena Imprensa faz manter e defender os ideais e os interesses das cidades, vilas e aldeias que servem!

Ouvimos membros do Governo enaltecerem os inestimáveis serviços prestados ao País por essa pequena Imprensa que, ao contrário dos grandes jornais, chega aos mais recônditos lugares e é lida e relida, passando de pais para filhos, para parentes, para amigos, numa cobertura total servindo a opinião pública!

Escutamos palavras de incentivo e promessas de facilidades que possibilitem melhores meios de expansão com menores dificuldades financeiras!

Mas das promessas às realidades há ainda um longo caminho a percorrer! Uma verdade é certa! Um Jornal da Província, como o «Povo Algarvio», duma cidade praticamente sem Indústria nem grande Comércio, sem os recursos da publicidade — que praticamente não existe, — sem auxílios nem subsídios de qualquer espécie, — que julgo, nunca teve — tem, indubitavelmente que viver em dificuldades e à força da «carolice» daqueles que garantem a sua sobrevivência por saudosismo ou por amor à terra onde nasceram!

Enquanto os grandes colossos da Imprensa Diária têm o «Mundo aos seus Pés» e vivem uma vida económica de «Grandes Nababos», correndo-lhes, em torrente, a publicidade paga a peso de ouro... Enquanto os seus jornalistas recebem chorudos ordenados e subsídios de representação, beneficiando ainda de livres-trânsito que lhes dão acesso a toda a parte... sem falar em descontos e facilidades de toda a ordem!...

...O Jornal da Província, — tão útil como os grandes jornais diários — vive uma vida de miséria sem possibilidade de aumentar e melhorar a sua paginação e aspecto gráfico, sendo tratado como filho bastardo dos órgãos de informação, a quem tudo é negado! Vive mais pelo baquirismo daqueles que lhe deram forma sem pensar em lucros de exploração... daqueles que nellos colaboram sem receber um escudo... ou daqueles que pagam a sua assinatura só pela satisfação de escutar a voz da sua cidade, vila ou aldeia!

No Mundo de hoje a pequena Imprensa também tem direito a «Um Lugar ao Sol»! E neste Portugal maravilhoso, que os cartazes espalhados por esta Lisboa anunciam como o «País do Sol», a Imprensa Não-Diária é mantida inexplicavelmente na Sombra à espera que lhe façam a nec sária, indispensável e Prometida Justiça!

## NA PENINSULA DE TRÓIA!

Fomos no passado domingo, por gentileza de amigos, matar saudades da pesca até ao «Bico das Lulas», na Península de Tróia, frente a essa grande e progressiva cidade, que é Setúbal. E não demos por mal empregado o nosso tempo, embora esta deambu-

lação piscatória não tivesse feito esquecer essas outras — e tantas elas foram — que vivemos com «companheiros» e amigos junto à barra das Cabanas e na «Pedra do Barril»!

Deslocámo-nos de Setúbal para Tróia num magnífico barco construído especialmente para servir os turistas e os pescadores desportivos, tal como já «sonhamos» — e escrevemos, — deve ser uma realidade na nossa terra, tendo em vista tão popular desporto e o espectáculo único do «Copejo do atum»!

Depois, chegámos! Preparámos o nosso material e para ali ficámos, como que absorptos, a pensar noutros horizontes!... Naquele silêncio tudo nos fazia alhear do ambiente da Praia! Com as pernas pendentes sobre o abismo, os olhos errantes pela imensidade luminosa das águas que se confundiam com a imensidade luminosa do Céu, fizemos, daquela rocha agreste, o nosso primeiro lançamento!

Depois caímos na mesma apatia! Se nos perguntassem não poderíamos dizer, — de tal modo os dois azuis se misturavam na linha do horizonte — onde começava o Céu e terminava o Mar! Parecia que o Mundo havia parado! Era como se um segredo nos tivesse sido revelado não por palavras mas por sensações. Alguma coisa parecia ao sentimento que sentimos quando os nossos olhos penetram na luz depois de abandonar as trevas!

Olhando o Mar azul sentíamos um deslumbramento, uma embriaguez sem vertigem, uma serenidade sem prostração que nos aliviava a alma oprimida de problemas e saudade!

Continuávamos alheados da pesca! A bóia que flutuava na crista das ondas, na extremidade do nylon, não era perturbada pelos sinais característicos do peixe a mordiscar o iscol!

Apenas a Natureza prendia a nossa atenção! A natureza que é o grande pintor, o grande poeta e o grande músico de Deus! O ninho das andorinhas onde os filhos chamam e saúdam o pai e a mãe, sobre o beiral das casas; os murmúrios do vento que sopra dos lados do mar e que parecem trazer até nós, as palpitações das velas, os gemidos das vagas ao desfazerem-se nas rochas...

Apetecíamos ter os dons especiais dos predestinados para podermos transmitir aos nossos leitores todo o encanto e enlevo do panorama que os nossos olhos disfrutavam! A Costa rendilhada... a transparência cristalina das águas... os recortes da Serra da Arrábida com a sua Ermidinha a espreitar no alto!...

De repente fomos forçados a acordar do nosso enlevo! Lá longe, a bóia da nossa linha de pesca dava sinal da presença de «comilhões» às voltas com o lingueirão com que mascaramos o traço de anzol! Os nervos ficaram tensos! Todos os sentidos se concentraram então nessa bóia de cores garbadas, ao redor da qual, de vez em quando, se formavam círculos concêntricos! De repente uma sacudidela mais forte! Uma bóia que desaparece por momentos da nossa vista! Um carroto que começa a cantar uma melodia que há muito os nossos ouvidos não ouviam! Uma cana que vai tomando caprichosas curvaturas ao sabor da teimosia do pescador e do peixe!!!

Luta-se algum tempo! Pedimos a «Todos os Santos» que os velhos companheiros dos pargos não fizessem as «suas rezas», sempre traçoceiras, como faziam na «Pedra do Barril»!...

A pouco e pouco fomos sen-

(Continuação da 1.ª página)

em si, na sua manutenção, quase que o exercício de um sacerdócio, como tal abnegadamente exercido pelos que o dirigem, e ainda por aqueles que nele colaboram, uns para defender certo credo, outros, porém, desinteressadamente, sem qualquer intenção, mas todos, enfim, e sobretudo, por amizade, por carinho.

E a verdade é que se não fora isto, um jornal de província não poderia sobreviver.

O «Povo Algarvio» pode ser definido deste modo: «periódico criado pelo entusiasmo e dedicação de alguém que um dia quis que Tavira tivesse o seu porta-voz, e mantido, depois, por todos aqueles que carinhosamente e dentro das suas possibilidades, quiseram e querem que essa voz não se cale». Nada mais.

\* \* \*

«Recordar é viver», já lá dizia o escritor. Recordemos pois: Conheço o Manuel Virgínio Pires há quase 40 anos, desde os meus tempos de criança, e quando ele era um rapaz em plena juventude. Então, já nele fervilhava a ideia da criação dum jornal em Tavira.

Levado por esse entusiasmo, animado pela audácia própria da mocidade, conseguiu o que queria. Para tanto, constituiu um «elenco» de estudantes, e com ele fundou o primeiro «Povo Algarvio» que durou alguns anos.

Estava-se em Novembro de 1929. E o primeiro «Povo Algarvio» nasceu, como quinze-nário, sob a direcção do hoje meu ilustre colega, Dr. Eduardo Mansinho, até 19 de Outubro de 1930, data em que se transformou em semanário, passando, então, a ser dirigido pelo Virgínio Pires, pelo Armando Fernandes e pelo Joaquim Faleiro. Quanto tempo já lá vai!...

Nessa altura havia muitas «Questões Locais», debatidas, tantas e tantas vezes, por meu Pai, no «Povo Algarvio» dessa época, jornal que, dirigido por jovens e colaborado por indivíduos de idade madura, todos amantes da sua terra, veio assim, animar a nossa cidade, veio, numa palavra, fazer ouvir... a sua voz.

Mas esse «Povo Algarvio» deixou de se publicar em Março de 1931. A vida dos seus Directores tomara novos rumos que não se compadeciam com a sobrevivência do jornal. Todavia, o Virgínio Pires não desistiu.

«Agrilhoado» à sua ideia, remove dificuldades, derruba

## J. A. PACHECO

FÁBRICAS DE MOAGEM DE FARINHA ESPOADA E RAMAS

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

## J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

Telef. 13 Apartado 13

TAVIRA

tindo que a vitória seria nossa! Finalmente, perto de nós, «entegrava-se», não sem luta, uma bellissima dourada! Alegria!!! Mas seria «filha única»? Felizmente não era! Pelo menos fazia parte de uma «agregado familiar» com mais de cinco «unidades»!

Que prazer para quem esteve tão longo tempo ausente do Mar! Por isso nos esquecemos da natureza e do nosso estado de alma se libertou dos sonhos maus que os atormentavam!

obstáculos para, finalmente, criar o actual «Povo Algarvio» que agora faz 30 anos!...

Decorrendo o mês de Maio de 1934 e no dia 27 desse mês e ano, surge o novo «Povo Algarvio», semanário dirigido, a convite do Manuel Pires, pelo Dr. Jaime Bento da Silva, o qual foi seu Director até 15 de Setembro de 1946.

O Dr. Jaime Silva teve de deixar a direcção do jornal, este jornal que lhe deu bastantes alegrias, e também inúmeros desgostos, mas ao qual, apesar de tudo, sempre muito quis.

Vem a seguir para a direcção do «Povo Algarvio», a convite, igualmente, de Virgínio Pires, seu irmão, o poeta Isidoro Pires, que um dia, quase como num preságio, escreveu:

«As pedras que o mundo atira  
Aos homens de alma e talento  
Na vida são o desprezo  
Na morte são monumento...»

«Ensimesmado» na sua casa da Atalaia, muitos poderão duvidar da sua actuação como Director do «Povo Algarvio».

A esses direi, somente: — Isidoro Pires queria ler e rever, e via e relia os originais a publicar.

Mas a morte é cruel e em 21 de Julho de 1958, ela não «perdoou» a vida de Isidoro Pires, meu grande Amigo, meu inesquecível Amigo. Entre o mais que me lembro dele, recordo, neste momento o entusiasmo que mostrava, sinceramente, pelos meus êxitos escolares, como se fosse seu filho, a alegria que manifestou quando da minha licenciatura, e tanta e tanta coisa... Recordar é viver: os leitores que desculpem a vida que, recordando, estou a... viver.

Com o falecimento de Isidoro Pires, assume a direcção do «Povo Algarvio», o seu actual Director, Manuel Virgínio Pires, que há seis anos dirige os destinos do jornal.

Falar da sua acção, para quê? Ela está à vista. Não agradará a todos, é certo, designadamente aos «queridos» inimigos de Manuel Virgínio Pires. E ai do homem que não tem os... tais «queridos» inimigos. Pois se até os mártires e os santos os têm!... quanto mais os homens!...

Contudo e mau grado dos referidos detractores, «da Grécia ou de Tróia»... uma coisa é certa, Ei-la: — pela tenacidade, persistência, (ou o que se lhe queira chamar), o «Povo Algarvio» continua a sua vida e, por ele e graças a ele, para lá, muito para lá, de despeitos e malquerenças, Tavira, a minha e a vossa cidade, mantém a sua voz, sempre pronta a defendê-la. Bem haja!

\* \* \*

E aqui tem, meu Caro Virgínio Pires, a humilde, insignificante e desinteressada prenda que ofereço ao seu «Menino», hoje já homem, chamado, desde o baptismo, «Povo Algarvio».

Carlos Picoito

## Dever cristão: Contribuir para o culto

Continuação da 1.ª página

dade de Santo António caminha na deanteira, no intuito de angariar esmolas que não só a sua igreja como muitas outras precisam receber.

É tempo de os devotos se lembrarem dos santos a quem recorrem, de os organismos cidadãos, nomeadamente o Turismo que tanto das igrejas aproveita-lhes, prestar por sua vez algum serviço.

É tempo de a própria cidade mostrar que é credora daquelas homenagens a que tem jus, na conservação dos padrões da nobreza que os seus antepassados lhe puseram nas mãos.

É tempo de as Comissões Fabriqueiras darem sinal do seu próprio valor, de as congregações, irmandades e associações religiosas se ocuparem um pouco do serviço de Deus.

Não há muitos dias que nos falavam, para exemplo, da igreja de S. Francisco, expoliada através dos anos por interesses da cidade.

Pela Concordata, assinada em Abril de 1928, o Estado Português reconheceu a personalidade jurídica da Igreja e restituiu os bens usurpados pelas ideologias políticas anteriormente legalizadas.

Muitos bens voltaram, depois disso, às corporações religiosas a que pertenciam. A Ordem Terceira de S. Francisco, da cidade (uma das mais antigas do Reino), não voltam por certo os terrenos confiscados. Nada de mais era que recebesse, em compensação, o restauro da sua igreja e anexos, em lugar de, tanta vez defraudada, estar em vésperas de novas delapidações para efeitos que não são aqueles para que foi destinadas Senhora da Piedade, S. Sebastião, paróquias, etc., etc., esperam que os católicos se dêem conta das suas responsabilidades e não se diga deles o que, há perto de um ano, dizia certa pessoa católica praticante, ao passar pelo largo do Cano onde viu a Senhora do Rosário:

— Não é, com certeza, uma terra de crentes, nem olham muito para trás.



Pela Província

## Castro Marim

**Necrologia** — Com 82 anos de idade faleceu há dias na sua residência, a sr.ª D. Maria Xavier Alberto Moreira, viúva, proprietária, natural de Odeleite e residente nesta vila há muitos anos.

A extinta era irmã da sr.ª D. Francisca Xavier Alberto e cunhada dos srs. Jacinto Celorico Palma, antigo presidente do município, e do sr. João Colaço Madeira, proprietário.

O funeral que se realizou para o cemitério desta vila, constituiu uma profunda manifestação de pesar. — C.

## José Augusto C. Chagas

Estabelecimento SPAR

Mercearias, Louças e Vidros — Vinhos e Cerveja a Copo

Especialidade em frangos assados no espeto

Informa ainda o Ex.º Público que também é Agente do GÁS MOBIL sistema «CLIK»

A Casa que melhor serve

Telefone 50 — VILA NOVA DE CAGELA

**MINISTRO DA JUSTIÇA**

Continuação da 1.ª página

dores da Câmara Municipal, Eng.º Osvaldo Bagarrão e Aníbal de Brito, o arquitecto da Câmara, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loulé, Dr. Mário Lyster Franco, Dr. Clementino Pinto, Capitão Rafael Pereira, Artur Serão e Silva, representantes da Imprensa, e muitas outras individualidades, cujos nomes foi impossível anotar.

Acompanhava aquele membro do governo, o sr. Dr. Gordinho Moreira, Presidente da Câmara, que fora a Sagres, propositadamente, onde o Ministro pernhoitara. Depois dos cumprimentos, realizou-se um cortejo para Faro e cerca das 12,30 horas, procedeu-se à inauguração e visita da Casa dos Magistrados.

Seguiu-se o almoço na Pousada de S. Brás de Alportel, tendo discursado os seguintes senhores: Dr. Gordinho Moreira que aproveitou a oportunidade para referir que seria este o último acto oficial em que tomaria parte como Presidente da Câmara, pois em breve deixaria a Presidência da Câmara Municipal de Faro; Dr. Raul Marques Davim, Corregedor do Circulo; Dr. Carlos da Costa Picoito, membro da Delegação, em Faro, da Ordem dos Advogados, em representação da mesma Ordem, no impedimento dos seus colegas da Delegação, Drs. Rita da Palma e Passos Valente; Monsenhor Pardal; Dr. Jorge Augusto Correia, como Deputado e em nome dos Deputados pelo Algarve; e a fechar, o Ministro, que brilhantemente descreveu, precisou e definiu o papel que na vida e missão do Magistrado tem a sua Casa, fazendo, a propósito, largas considerações sobre justiça e sua administração, fazendo comparações com outras actividades, designadamente com a do ensino e seus exames, comparações e considerações impossíveis de referir num despretencioso apontamento.

O sr. Ministro regressou a Sagres ao fim da tarde.

**Livros e Revistas**

**Obras de Shakespeare** — Em virtude de a última hora um dos colaboradores destas obras ter faltado com a tradução do Hamlet decorreram cerca de cinco meses sem que nenhum dos seus fascículos tivesse sido entregue aos assinantes. Tempo demasiado longo para quem espera, só agora lhes foi possível voltar ao ritmo de publicação anterior. A tradução de Shakespeare exige cuidados especiais que não podem ser tomados de ânimo leve e tiveram dificuldade em encontrar um tradutor que prontamente se encarregasse do Hamlet, uma das mais difíceis peças.

Vencidas todas as dificuldades eis-nos novamente no ritmo normal, faltando além do Hamlet, para finalizar o segundo volume de «Obras de Shakespeare», um estudo do Jónh Dover Wilson e um trabalho do Dr. Luis de Sousa Rebelo cujo plano total incluirá no seu conjunto: «O panorama crítico das tendências doutrinárias da exegese Shakespeareana e orientação moderna»; «Shakespeare e o seu tempo»; «Os dramas históricos» — ponto de partida das grandes tragédias; As grandes tragédias: Macbeth, Hamlet, Rei Lear»; «Fim do mundo medieval — surto do mundo novo»; «Shakespeare e o amor — Romeu e Julieta, António e Cleópatra, Sonho de uma noite de Verões»; «A poesia de Shakespeare» e finalmente: «Bibliografia essencial cobrindo trabalhos em inglês, francês, italiano, alemão, espanhol e português». Na primeira alínea deste estudo será feita uma análise crítica dos trabalhos e artigos principais que apareceram ou virão a aparecer durante este ano de comemorações do 4.º centenário do nascimento de Shakespeare.

**O Observatório Astronómico da Mulemba em Luanda, Angola Africa Portuguesa** (Boletim n.º 1) — Recebemos a gentil oferta deste excelente boletim, órgão do primeiro e único observatório astronómico português, de radioastronomia, rastreio electrónico de satélites-artificiais e fotografia astronómica com integral, de que é seu proprietário e director, o sr. Carlos Bettencourt Faria.

Nesta interessante obra colabora o nosso ilustre comprouviano sr. Dr. José António Madeira, distinto Engenheiro Geógrafo, Astrónomo do observatório da Tapada da Ajuda, Lisboa.

Trata-se de uma interessante publicação cultural e científica que muito pode interessar a quantos se dedicam à ciência astronómica.

Agradecemos a gentileza da oferta.



**MONTEPIO GERAL**

Associação de Socorros Mútuos fundada em 1840

Fundos Permanentes e de Reserva  
380.000.000\$00

**Modalidades de Providencia**

Pensões de sobrevivência e dotes  
Rendas vitalícias a favor de pessoas certas  
Subsídios para funeral e luto

Em 1963 recebeu dos seus associados 5.585 contos  
pagou aos seus pensionistas 30.096 contos

**Caixa Económica de Lisboa**  
Anexa ao Montepio Geral

Recebe depósitos à ordem e a prazo — Recebe depósitos em condições especiais para menores — Realiza as seguintes operações: Empréstimos s/ prédios rústicos e urbanos; s/ papéis de crédito; metais e pedras preciosas — Aluguer de cofres fortes — Arrecadação de valores nas casas fortes — Cobranças de juros e dividendos — Compra de cupões  
Transferências de numerário

SEDE EM LISBOA — Rua Aurea, 219 a 241

FILIAL NO PORTO — Avenida dos Aliados, 90

AGÊNCIAS EM

BRAGANÇA COIMBRA  
EVORA FÁRO VISEU

**Companhia de Seguros**

**TAGUS**

FUNDADA EM 1877

Capital social 1.200.000\$00

42 — Rua do Comércio — 64

LISBOA

Seguros em todos os Ramos

Agências em todo o País

**Pela Imprensa**

**Vida Mundial**

Recebemos o número comemorativo do XXVI aniversário deste nosso prezado colega, inteligentemente dirigido pelo distinto jornalista sr. Carlos Alberto Pereira da Rosa.

Por tal motivo endereçamos as nossas felicitações com votos de muitas prosperidades para o seu jornal.

**A Nossa Terra**

Completo 14 anos de existência, ao serviço da propaganda e defesa da Costa do Sol, este nosso prezado camarada, dirigido pelo sr. Hermínio C. Soares.

As nossas felicitações.

**Badaladas**

Com a publicação do seu número 438, entrou no XVII ano de vida este nosso prezado colega, que se publica em Torres Vedras sob a inteligente direcção do Padre Joaquim Moraes de Sousa, a quem endereçamos cordiais saudações com votos de longa vida.

**O Sporting Olhanense**

Entrou no II ano de vida este simpático quinquenário, órgão do Sporting Clube Olhanense e de que é seu ilustre director o sr. Dr. Francisco Inácio. Por tal motivo endereçamos as nossas felicitações e os votos de um próspero porvir.

**ENCARREGADO**

Para Construção Civil

Precisa-se, competente para trabalhos no Algarve.  
Nesta Redacção se informa.

**O PREÇO**

das FONTES ENERGÉTICAS

Pormais de uma vez temos falado do preço da energia, quer esta provenha da hulha branca ou dos petróleos e seus derivados, para salientarmos a vantagem da sua moderação, até porque podemos ter pelos próprios meios tanta quanto precisarmos.

É do petróleo e gasolina que nos ocuparemos hoje, tendo por fundo duas notas, uma do «Popular», e outra de «Economia e Finanças» sobre produções e custos, salientando, a propósito, que o turismo e os transportes, o trabalho mecanizado na agricultura e nas pequenas indústrias têm no preço dos petróleos e seus derivados um acelerador ou um retardador de peso decisivo.

Em 1963 mantiveram-se as características do mercado metropolitano de produtos de petróleo. Os consumos foram de 227 423 toneladas de gasolina (156 721 normal e 70 702 super.), 138 009 toneladas de petróleo, 359 035 toneladas de gásóleo e 517 083 toneladas de fuel-óleo.

Em relação ao ano de 1962 deu-se um aumento de 13 000 toneladas no consumo de gasolina, de 16 000 toneladas no consumo de gásóleo e de 29 000 toneladas no consumo de fuel-óleo.

A produção da refinaria de Cabo Ruivo (SACOR) foi em 1963 de 282 677 toneladas de gasolina, 165 515 toneladas de petróleo, 289 535 de gásóleo 510 469 toneladas de fuel-óleo e 221 289 toneladas de outros produtos num total de 1 469 485 toneladas.

É de bom Juízo recordar que até há poucos meses as ramas de petróleo eram quase todas compradas ao estrangeiro, que no-las vendia com bom lucro, e que só depois das medidas do Ministro Teixeira Pinto relativamente aos poços de Angola, podemos ir progressivamente laborando petróleo bruto português com total independência de matéria-prima.

Atingida a autarquia nos petróleos e normalizada a situação, que os inimigos de Portugal nos criaram em Angola e na Guiné, à qual temos que responder com homens e armas, que não vivem nem se conseguem do ar, tudo faz crer que o preço de energia através do petróleo e seus derivados possa deixar de constituir no confronto com os demais países um motivo de reparo pertinente.

Eis os dados respigados pelo «O Popular» de uma revista suíça que nos dá a noção do preço de certos bens e serviços a que os turistas normalmente recorrem (câmbio do franco suíço a 6\$30):

Gasolina — Portugal, 6\$00; Espanha, 4\$80; Itália 4\$00; Grécia, 4\$42; Jugoslávia, 3\$00; Irlanda, 4\$50; e Noruega, 4\$50.

Portugal é agora o país entre os sete que tem a gasolina mais cara. Mais cara para os turistas, para os transportes, para a agricultura, para as indústrias.

Ora se o nosso custo de vida é o mais baixo, só nos ultrapassando a Jugoslávia, estamos em crer que o custo de vida português desceria substancialmente com um preço de gasolina mais harmonioso e a que podemos aspirar a seu tempo.

C. A. M.

**STATION TAUNUS 17 M**

Em óptimo estado, vende-se. Para ver e informar dirija-se a Garagem Martins e Filhos — Tavira.

Postes de betão armado  
Colunas de iluminação

SOCIEDADE PORTUGUESA

**Cavan**

Rua D. Estefânia, 94-A — LISBOA-1

Telef. 47 812

MANILHAS DE CIMENTO  
PARA ESGOTOS

FÁBRICA DE FARO — TELEF. 885

## Campeonato do Condutor Económico

### 1.ª PROVA

#### Resultados da Zona do Sotavento (FARO):

- Máxima distância percorrida com o  
1/2 Litro de gasolina . . . . . 12,3 Kms.  
Consumo . . . . . 4,065 L/100 Kms.
- Menor distância percorrida com o  
1/2 Litro de gasolina . . . . . 8,8 Kms.  
Consumo . . . . . 5,681 L/100 Kms.
- Total de concorrentes . . . . . 104  
Total de quilómetros percorridos . . 1.166 Kms.  
Consumo (média geral) . . . . . 4,484 L/100 Kms.  
Média Geral (por Kms. percorridos) 11,211 Kms.

Oportunamente daremos a conhecer a todos os prezados Concorrentes a classificação respectiva

...FAÇA UM BRILHARETE COM UM  
**OPEL KADETT...**

Concessionários no Algarve:

**FARAUTO**  
*Limitada*

Faro

Portimão

Courelas

Arrendam-se ou vendem-se duas no sítio de Santa Margarida, com muito arvoredo e bom rendimento.

Tratar com Francisco Martins Entrudo, Alto do Cano - Tavira

VENDE-SE

A Farmacia Sousa

em TAVIRA

Informa e recebe propostas o Solicitador José Luiz Cesário.

# O ÁRBITRO

SER árbitro é difícil. Mais difícil que a mulher compreender o difícil...

E é difícil, porque ninguém está de acordo com o árbitro por isto, por aquilo e mais aquilo...

O juiz de campo, é um senhor circunspecto, que pode

por António Augusto Santos

ouvir tudo, mas nada responde. Dentro das suas normas de educação, limita-se a falar... apitando. O apito é, pois, a sua única linguagem — o «dura lex sed lex» das suas decisões indiscutíveis.

Se apita com gravidade de sons, é a impor a lei; se apita em suavidade, a lei está sendo excepcionalmente, respeitada. A lei, é a sua Dama. A equipa, «Os Três Mosqueteiros», que lutam pela Rainha.

Por ela, o árbitro é capaz dum «concerto» de apito nos 90 minutos, sem executar Fal-la ou Puccini.

Se a partida toma a efabulação da «Dança do Fogo», ou da «Dança dos Tártaros», o director da partida tem de recorrer aos ritmos de jazz, se a coisa toma a feição da «Canção sem Palavras», ou a «Canção do Berço», então, o apito lembra uma flauta...

Quando o jogo toma mímicas de Rock ou de Twist, então, o apito, vai para a «laringite»...

O árbitro é a 23.ª figura do xadrez do futebol, um ímpar

que faz par imprescindível, mas com quem ninguém está de acordo, mesmo os que sabem da «coisa» e não querem saber, nesse momento...

Pode falar um avançado, um médio, um defesa, mas um árbitro nunca. Sem ele, não poderá haver futebol. Seria como um dia sem luz. E sabendo isto, todos os que amam e não dispensam o «pan y futbol», o detestam; todos dizem dele o que Mafona não disse do toucinho...

Raras vezes um árbitro é mau de todo... Será quando muito, mais ou menos mau. Se a «casa» ganha, não esteve mal, havendo até, quem classifique na imprensa o seu trabalho de «rica arbitragem». Se não sai à «casa»... os jornais taxam-no de péssimo e apenas os que retiram com um ou dois pontos positivos, não acham que estivesse mal...

No dia em que for legislado poderem ganhar os dois grupos numa partida disputada, entre eles, então o árbitro terá a sua missão consagrada, e até os que procuram saber e não sabem... estarão com ele, certamente.

A lei de que o árbitro se serve é um livro (encadernado ou em brochura...), encontra-se à vista de quantos a queiram «ler» vendo o seu grupo a ganhar? Nem mesmo as senhoras que vão ao «esférico», para fazer tricot... Quem será capaz de «meditar»... quando a sua equipa perde? O «fora», o «gatunol!!!» e outros su-

## Vende-se

Casa em Tavira na Travessa Zacarias Guerreiro n.º 6 e 8.

Trata em Santo Estêvão José Gago Sequeira e em Tavira o solicitador José Luiz Cesário.

## Assinal o «Povo Algarvio»

blinhares correnticos ao trabalho do árbitro, têm a faculdade de contagiar desde o «pião» à bancada. Alastram como um fogo incontido em qualquer floresta. Muitos dos que gritam não viram nada (porque não vêem...), apenas ouviam gritar e cai-se, assim na história do homem que pôs um ovo... e depois era já um cabaz de ovos...

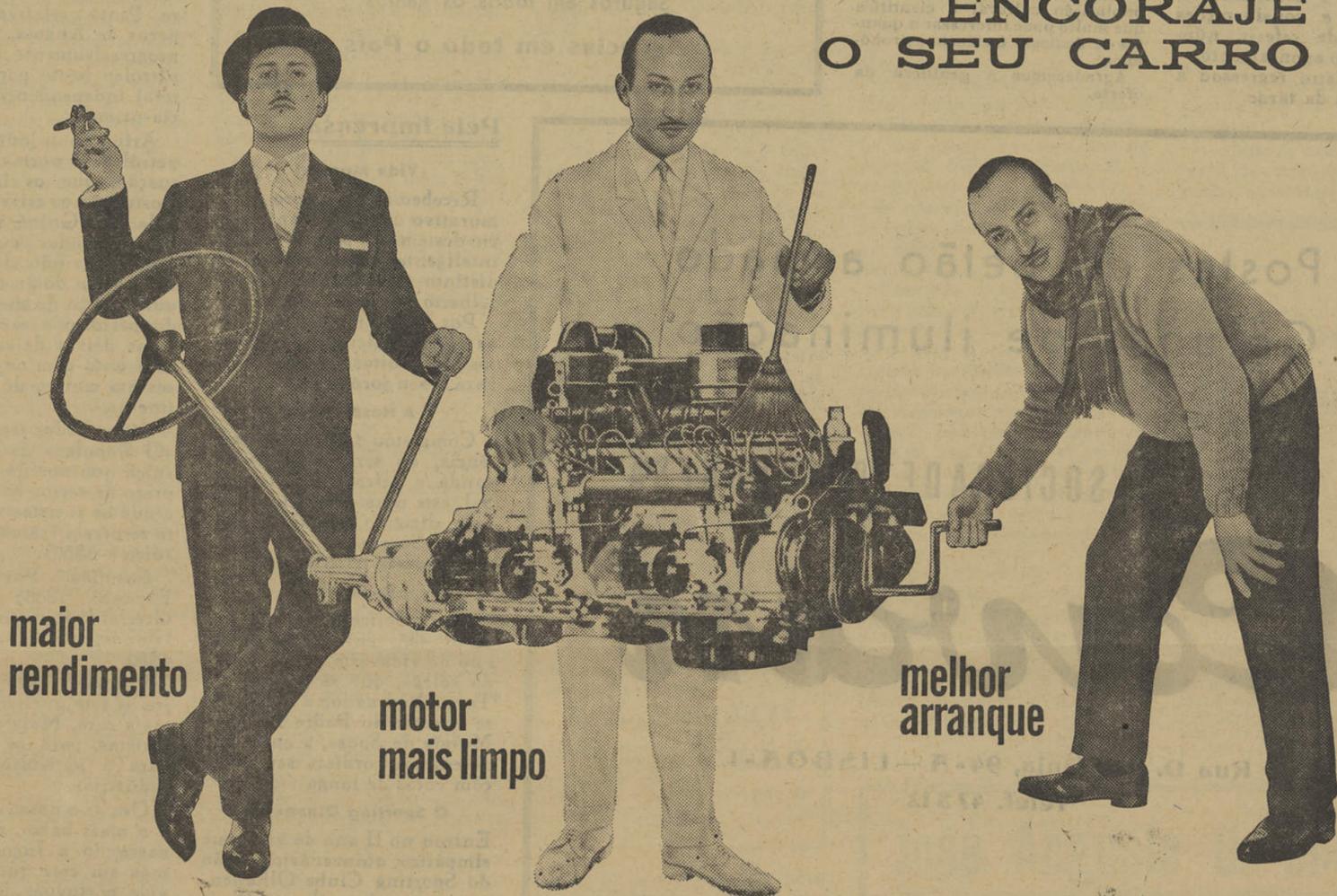
A equipa de arbitragem é como uma máquina. Na máquina admitimos o desgaste, o mau rendimento, a avaria, até. Na arbitragem, nada, disso... Na «máquina» dum team, vamos à tolerância, quando um Campeão (com letra maiúscula), se assemelha a «infantis».

Só o árbitro deverá ter um cérebro electrónico, infalível a qualquer erro; melhor: ser uma máquina fotográfica, com uma velocidade de milhentos por segundo, capaz de resolver todas as «falhas» que existem na imaginação de uns e não no facciosismo de outros.

Raras vezes o juiz dum partida está bem, por isto, por aquilo e mais aquilo... O público do futebol sabe tudo, menos o que lhe interessa saber.

O público — o eterno público — virtude e defeito dum futebol melhor...

## ENCORAJE O SEU CARRO



maior rendimento

motor mais limpo

melhor arranque



X-100

**MULTIGRADE**



TIMOR — Contos e novelas

# SÃO ASSIM OS TIMORENSES!

**Q**uemos saber onde estão acotados os portugueses Tinoco e Noronhal Tens que nos dizer onde se escondeu aquele grupo de australianos que esteve na tua povoação a pedir-vos alimentos! Não terás descanso e serás severamente açoitado se não disseres o que pretendemos, diziam os

POR  
J. A. Rebelo

japoneses Nereita e Kato, imensamente irritados, para o indígena católico Malaquias, que estava amarrado pelos dedos dos pés e de cabeça para baixo.

— Nada sei, já disse; não vi ninguém, senhores!...

Viste sim, nós bem sabemos. Os nossos informadores não se enganaram. Tu és muito querido dos portugueses. Foste educado nas Casas de Deus (Missões). Viveste muito tempo no seu seio... Deixa que nós te faremos falar. Há-de saber que os donos desta terra já não são eles! Não vês que a sua bandeira já não aparece a flutuar? Não vês que quem dá ordens somos nós. Vê lá se eles te vêm aqui tirar das nossas mãos? Isso sim, têm medo! Tu és parvo em não dizeres onde eles estão, serias solto e recompensado.

— Nada digo porque nada sei. Se os homens da minha aldeia se revoltarem contra os senhores, eu de nada fui sabedor. Se queimaram o arroz que estava destinado aos senhores, não fui eu que mandei. Deem-me ordens e eu partirei a cumprir-las! Se quiserem e me derem elementos, poderei partir em busca dos vossos inimigos! Se os encontrar, virei informar-vos.

— Estás dizendo a verdade? Queres ir em busca dos nossos inimigos? Vê bem o que dizes! Olha que se nos tentares enganar, os castigos depois, ao seres caçado, serão muito piores dos que agora sofreste. Cortaremos a cabeça a todos os teus, mas depois de serem bem supliciados, ouviste? — Pensa bem!

— Sim senhor, já pensei, quero partir disposto a correr todos esses perigos, e podem estar certos que logo que saiba tudo aquilo que desejais, virei aqui informar-vos

— E como poderemos nós acreditar na tua palavra? O que nos deixas como penhor?

— Desamarrar-me e eu lhes mostrarei o penhor.

Desamarraram-no. E o indígena Malaquias, depois de desamarrado, disse-lhes: deixarei como penhor esta Bandeira Portuguesa e podem estar certos que o timorense Malaquias, não deixará ficar nas vossas mãos esta Bandeira que já foi do meu avô. Logo que descubra o necessário virei até aqui para a levar.

Uma bandeira; pois tu, Malaquias, ainda tinhas esta bandeira? dizem atirados os japoneses, ao verem aparecer de debaixo da lipa (vestuário usado pelos timorenses e que muito se parece com uma saia) aquele pedaço de pano verde e encarnado. Ah! que se não fosses em nosso serviço morrerias já, pois bem sabes o que tem acontecido aos teus compatriotas que guardam dessas bandeiras. Sabes bem o que sofrem quando não as entregam, para receber bandeiras do Dai Nippon. A nossa é que deve ser estimada por todos os timorenses. Nós é que mandamos agora, ouviste? grita o Kato imensamente irritado!...

— Ouvi, sim, senhor Kato.

— Pois então vai, e não te esqueças.

— Vou já senhor Kato, mas espero que me não queimeis essa bandeira até que eu volte, depois trocá-la-ei por uma das vossas.

— Está dito, partirás logo que queiras e podes levar esta arma e este salvo conduto, que te deixará caminhar livremente.

— Obrigado senhor Kato, e até daqui a alguns dias. É o indígena Malaquias, arrastando-se sai daquela palhota, onde estivera a receber sevícias dos senhores nippons, em direcção ao campo.

Ah! que julguei não sair dali com vida. Deixa que eu já vos digo como se procede para com gente da vossa laia! É o indígena Malaquias, coberto de golpes dos maus tratos que havia recebido daqueles vândalos nippons, lá seguiu em direcção à sua, agora destruída povoação. Nada encontra de pé! Tudo é cinza e escombros...

— Deixa que vocês mas pagarem... Dente por dente, vida por vida, será o que vamos ter.

Procura os australianos e os portugueses dos quais sabia o paradeiro, pois era ele que os vinha alimentando, indo levar-lhes o que lhes podia arranjar, ao seu esconderijo, nas montanhas circunvizinhas a Maubisse; conta-lhes o que se passava e qual a ideia dos japoneses. O que teremos a fazer, diz-lhes o Malaquias é seguirem comigo até perto do acampamento deles; deixaremos aqui vestígios de vida e enquanto procuram atacar-nos vamos até eles e a vitória será nossa. Eu vou até lá, apresento-me e digo-lhes que descobri o local ocupado por vocês; eles virão logo, e depois, será o que Deus quiser.

Combinado, disseram os australianos, em número de 10 e os três portugueses que com eles andavam em defesa da soberania de Portugal, naquelas paragens orientais.

— Senhor Kato, já sei onde estão os nossos inimigos, diz o Malaquias, três dias depois de ter entregue a Bandeira aos nippons. — Quero levá-los até lá. Traçam a minha Bandeira e se não for verdade o que estou dizendo, podem retalhar-me o corpo com as vossas espadas e queimar essa Bandeira, de quem tanto gosto.

E os nippons, que de perspicazes nada tinham, acreditaram no que lhes estava dizendo o Malaquias, e deixando uma pequena força no acampamento, partiram com ele.

No caminho, poucos quilómetros andados, aparecem de surpresa, rodeando a coluna japonesa, que então atravessava um vale, os australianos e portugueses acolitando grande número de timorenses, prontos a derrotar os invasores.

A luta foi feroz e os nipponicos vencidos. O indígena Malaquias obteve com custo a sua bandeira verde que deixara como refém. As tropas do acampamento foram igualmente derrotadas e o sargento nippon, Kato, que esteve algum tempo em Timor, aguardando a justiça dos portugueses, coisa que ele nunca lhes fez, fugiu pensando vingá-lo do Malaquias. E por força do destino, o Malaquias, era morto algum tempo depois pelos invasores nippons.

Os heróis, têm que tombarem no campo da honra, para que o seu nome seja glorificado e a sua acção mais reconhecida.



## «TENHO UMA CASA»

SOCIEDADE COOPERATIVA

S. C. R. L. — Fundada em 19-3-1951

Sede em Edifício Próprio: Rua da Alegria n.º 20 — COIMBRA  
Telefones: Direcção, 24535 — Secretaria, 24536 — Apartado 151



### SECÇÃO URBANA — CHAMADAS POR SORTEIO

Comunicamos que no sortelo realizado em 22 do corrente, foram chamados para construir ou adquirir propriedades urbanas, os seguintes associados:

Nos termos do n.º 3 do Art.º 17.º dos Estatutos (CASA DE TIPO ECONÓMICO)

Sócio n.º 11.604 — Ex.º Sr. Manuel da Palma — BOLIQUIME

Nos termos do n.º 4 do Art.º 17.º dos Estatutos (CASA DE TIPO MÉDIO)

Sócio n.º 11.596 — Ex.º Sr. Sérgio Daniel Esteves Domingues — VALENÇA

Coimbra, Maio de 1964

A DIRECÇÃO

## COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE

Comunica aos seus Ex.ºs  
Clientes e Amigos que  
inaugurou em FARO  
uma Delegação para  
maior rapidez e eficiência  
dos seus serviços

R. Ivens, 12 - 1.º — Telf. 1434 — FARO

## Cunha & Dias, L.ª

TAVIRA

Representante de:

Philips Portuguesa

Shell Butagaz

Frigidaire

FACILIDADES DE PAGAMENTO

## Atenção

O Proprietário do CAFÉ RESTAURANTE JANELAS VERDES, Luís Félix da Silva, uma das casas mais completas no seu género, participa à sua vasta clientela e ao público em geral, que continua a fornecer diariamente em número incalculável os afamados ovos à flamenga como prato da casa.

Informa ainda que se encontra aberto até às 4 horas da manhã em Vila Real de Santo António

O Proprietário

## Dos Livros

História Ilustrada das Grandes Literaturas

Desta obra monumental foram publicados mais dois fascículos n.ºs. 69 e 70. No primeiro deles é estudada a obra de Eça de Queiroz e analisada, de um modo geral, a importância do Realismo e do Naturalismo no romance português. Um outro capítulo é dedicado aos poetas realistas e parnasianos, desta maneira se concluiu o texto que para esta História da Literatura Portuguesa António José Saraiva escreveu.

Com o fascículo n.º 70 inicia-se o estudo da época contemporânea, a cargo de Oscar Lopes, com a colaboração de Armando de Castro, Augusto da Costa Dias, Joaquim Namorado, Luísa Dacosta e Manuel Ferreira. Este fascículo abre com um capítulo que traça a evolução económico-social no período de 1890 a 1910, escrito por Armando de Castro, seguindo-se-lhe um panorama geral das ideologias referido ao mesmo período, da autoria de Augusto Costa Dias. Inicia-se, a seguir, em texto de Oscar Lopes, a análise das tendências literárias.

Dois belos retratos a cores, de Teixeira de Pascoaes e Eugénio de Castro enriquecem estes fascículos, além de outros retratos a preto e branco: Fernando Pessoa, Aquilino Ribeiro, José Rodrigues Miguéis, Joaquim Paço de Arcos, João de Araújo Correia, José Marmelo e Silva, José Gomes Ferreira, Fernando Namora, Vergílio Ferreira, Ramalho Ortigão, Raul Brandão, Mário de Sá Carneiro, Flórela Espanca, Irene Lisboa, António Sérgio, Ferreira de Castro, Afonso Duarte e Carlos de Oliveira. Trata-se, como se vê, de uma valiosíssima galeria iconográfica.

A edição é da Editorial Estúdios Cor.

Panorama da Arte Musical Contemporânea de Claude Samuel

Concluída a publicação do Panorama das Artes Plásticas Contemporâneas, de Jean Cassou, iniciou já a Editorial Estúdios Cor a distribuição de uma nova obra integrada na sua série de Panoramas Contemporâneos. Trata-se de um estudo de Claude Samuel sobre a música dos nossos dias e a sua importância, no nosso meio, não precisa ser realçada, tão escassos são os estudos publicados em língua portuguesa sobre a música actual. Nesta obra poderão os amadores de música e o público em geral encontrar resposta adequada a muitas das suas perplexidades e hesitações.

Nos fascículos n.ºs 1 e 2, já publicados, são tratados temas do maior interesse. No capítulo sobre Stravinsky, além do texto de Claude Samuel em que se estuda a obra do grande músico, encontra-se uma pormenorizada biografia, a par de textos de Debussy, Cocteau, Ramuz e Pierre Boulez. O capítulo «A Descoberta do Folclore» analisa as obras de Béla Bartók, Manuel de Falla, Heitor Villa-Lobos. Inicia-se o capítulo sobre «O Jazz» da autoria de André Hodeir, acompanhado de textos de Gilbert Chase, Barry Ulanov, Louis Armstrong, etc.

A obra é profusamente ilustrada, tendo sido já publicados os retratos de Béla Bartók, Fernando Lopes Graça, Arnold Schoenberg, Theolonious Monk e Milles Davis.

Tradução de João de Freitas Branco.

### Vende-se

Propriedade rústica de sequeiro e regadio com muito rendimento, denominada «O Monte Alegre», freguesia da Conceição de Tavira próximo do Almagem e um prédio na rua Borda d'Água da Asseca n.º 10 e 12. Facilita-se o pagamento.

Tratar com Manuel Fernandes Paraíso Rua 5 de Outubro n.º 27 — Tavira.

rega por aspersão



ENG.º GUSTAVO CUDELL

PORTO — Rua do Bolhão, 157  
LISBOA-1 — R. de Passos Manuel, 69-A

# TAVIRA vai prestar significativa homenagem às Forças Armadas

## O descerramento da lápida ao Furriel Baioa Vaz

Tudo se prepara cuidadosamente para que a homenagem que o concelho de Tavira vai render às Forças Armadas e a cerimónia da inauguração da lápida ao antigo aluno do Externato de Nossa Senhora das Mercês desta cidade, Furriel José António Baioa Vaz, morto em São Salvador do Congo, Angola, marcadas para o dia 10 de Junho próximo, Dia de Portugal, se revistam da maior solenidade, como é mister e desejo da Câmara Municipal, do Comando Militar e da Comissão Promotora, constituída por antigos discípulos do saudoso extinto.

Prevêem-se os mais pequenos pormenores, de modo a que uma e outra atinjam, efectivamente, o brilhantismo devido ao seu alto significado, e fiquem registadas na história da cidade como um dos seus fastos mais importantes.

Na impossibilidade do vasto templo de Santa Maria do Castelo, que evoca páginas gloriosas do passado e sob cujas abóbodas ecoam o contingente militar que deverá assistir à missa, ficou assente na última reunião efectuada entre os srs. Presidente do Município, Comandante da Cismi e representante da Comissão, que a missa seja celebrada ao ar livre na Rua D. Marcelino Franco.

Ainda, a Câmara Municipal vai dirigir convite a todos os indivíduos que estiveram no Ultramar, como expedicionários, para que igualmente compareçam nas várias cerimónias.

**Programa** — A's 17 horas, na rua de D. Marcelino Franco — Missa Campal por alma do malogrado Furriel José António Baioa Vaz e dos militares que morreram em Angola e na Guiné, e em honra dos que se batem no Ultramar pela continuidade de Portugal, com alocação de circunstância.

A's 19 horas, no Externato de N. S. Mercês, à (Bela Fria — Cerimónia do descerramento da lápida que, à memória do desditoso condiscípulo, mandaram colocar os antigos e actuais alunos do mesmo estabelecimento de ensino, com a colaboração do Ex.º Corpo Docente e o patrocínio da Câmara Municipal.

A's 22 horas, no salão nobre dos Paços do Concelho — Sessão Solene.



José António Baioa Vaz na sua «Festa de Despedida» do 5.º Ano

## VIII Festival Gulbenkian

Continuação da 1.ª página

gentilmente deram à realização do espectáculo e agradecendo ao público a sua comparação.

Penitenciou-se por ter tido a ideia da escolha do local, sendo no final muito aplaudido.

Foi pena que para o fim do espectáculo o tempo tivesse arrefecido um pouco porque nenhum outro local se adaptaria melhor à beleza do espectáculo.

Tudo decorreu num verdadeiro ambiente de sonho e foram maravilhosos os bailados apresentados pelo Centro Português de Bailado, Os Perfis, a Homenagem a Flórcela Espanca e Variações para Dez, classificaram admiravelmente aquele maravilhoso espectáculo de arte.

Explêndida iluminação, música excelente e bailados maravilhosos eis o que se nos oferece dizer sobre o espectáculo e sem querer distinguir individualmente esse magnífico grupo de artistas, aprez-nos felicitá-lo muito sinceramente pela sua brilhante actuação bem como a quantos contribuíram para a realização do espectáculo.

## Assinal o «Povo Algarvio»

# POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

## GAZETILHA

### TRINTA ANOS DE LABOR

*Já há trinta anos a flo,  
Que cá o «Povo Algarvio»  
Apregoa aos quatro ventos  
Para atrair os turistas,  
As belezas paisagistas,  
De Tavira, e os monumentos.*

*Em tantos anos de luta,  
De persistente labuta  
Algo se viu de repente,  
Bateu o progresso à porta,  
Vamos ter hotel na horta  
E o cinema vai prã frente...*

*Eneste anseio crescente  
De progresso, vé a gente  
A Escola, realidade,  
A horta já expropriada,  
E a ilha desafectada  
— Velhos mitos de outra idade...*

*O movimento, não pára,  
Vai ser uma coisa rara  
De projectos, em torpel...  
A urbanização da ilha,  
A ponte, que maravilha!  
O cinema e o hotel.*

*Vão ver turistas a montes,  
Hotéis, vivendas e pontes,  
O castelo iluminado!  
As igrejas restauradas,  
Museus, ruas asseadas,  
E o rio dosassoreado.*

*Tudo é produto de cá,  
Do céu já não cai o mandá,  
Só com luta se consegue  
Fazer tão excelente obra,  
E quem não crê na manobra  
Vá prã diabo que o carregue.*

*Muita tinta vai correr!  
Do que temos pra dizer  
Sobre a «Bela Adormecida»  
De outrora, pois no presente,  
Tudo nela é resplendente,  
E aumenta o custo da vida...*

*E com todo este cartaz  
Já não se faz marcha atrás,  
Ninguém enfia barretes,  
Na praça é que ficam mudos,  
Quando dão cinquenta escudos  
Por um quilo de salmonetes...*

Zé da Rua

## PRÉDIO

Vende-se na Rua António Viegas n.º 2.  
Trata João Vicente, Rua Jacques Pessoa, 23 — Tavira.

## Compra-se

Casa ou terreno em Tavira ou arredores.  
Tratar com Manuel Gomes, Rua da Porta Nova — Tavira.

## Vende-se

Courela na Asseca, que foi do falecido José Firmino Viegas.  
Trata em Tavira o Solicitador José Luís Cesário.

## TAVIRA ganhou uma etapa!

Continuação da 1.ª página

largos anos, com uma vida parada, quando poderia quicá, saltar para a vanguarda da actividade económica.

Tavira deu agora um grande passo, graças não há dúvida, à vontade férrea do Presidente da edilidade que todas as dificuldades superou para que a sua terra obtivesse o alvará turístico que outras terras já possuem: a praia municipal.

Se o comércio a não conquistou, a indústria a não seduziu e a agricultura a não bafejou, restava-lhe o turismo para ensaiar melhor futuro. E será o turismo o futuro de Tavira?

Não somos profeta, mas antevimos para a cidade do Séqua privilegiado porvir. Um conjunto de valores que a adornam dão-lhe proeminente destaque que ao estrangeiro não passará despercebido. As suas igrejas com preciosos trabalhos em talha, pintura, azulejo e imagens tornam-na jóia artística do mais valioso quilate; os seus miradouros abrem aos olhos de quem admira a paisagem os mais belos panoramas rústicos, citadinos e marítimos; os lanços de castelo, os telhados característicos e as ruas herdadas do antanho, regressam-nos a meditação ao passado; e a linha d'água que desce dos montes embalada, parte a terra pelo centro e reflecte o céu por vezes nimbado, o sol dourado radioso ou a lua lânguida prateada, formam um todo que caracteriza um burgo de personalidade distinta coisa da história que enobreceu dos poetas que inspirou e dos dias que háo-de vir.

Junta a tantos atributos que a valorizam a posse da sua ilha, é enriquecer o seu património turístico, dum valor incalculável.

Praia extensa, fino areal e declive suave, são qualidades que só a perfeição da natureza alla com dádiva que foi.

Agora já Tavira pode sonhar e concretizar a transformação da sua praia, para dar ao turista as condições que o háo-de prender ao «séjour» na sultista estância lusitana! Agora já os construtores podem ali instalar as residências de veraneio ou os parques de recreação. Não se deverá baixar o ritmo para que o entusiasmo não esfrie. Chegou a hora esperada.

Neste momento em que Tavira se orgulha de ter alcançado mais uma vitória que lhe abrirá, tudo o vaticina, as portas de melhores dias, queremos felicitar o deputado da Nação e ilustre Tavirense, Dr. Jorge Correia, lúcido arquitecto dum cidade a remoçar. Hurra! Hurra! Hurra!

Manuel Domingos Terramoto

## Desafectação da Ilha

Continuação da 1.ª página

raudo que em vez de sacrificios como lhes anunciá e pedi, quando da minha posse, lhes afirmé agora que chegou a hora de pôr termo aos sacrificios e de continuar o progresso e engrandecimento da nossa terra.

E nós lembramo-nos daquela frase humorística que por vezes o Dr. Jorge Correia costuma pronunciar — «ficará para outros a ópera, os eléctricos e a Universidade.»

Não desejávamos incomodá-lo alongando a série de perguntas que levávamos anotadas no nosso bloco, todavia, porque se tinham iniciado as obras de construção do Hotel na Horta d'El-Rei parecia-nos oportuno elucidar sobre o assunto os nossos leitores.

Assim a nossa pergunta surgiu naturalmente. E o que nos diz sobre o Hotel de Tavira?

Não sendo já um assunto propriamente da Câmara mas sim duma empresa particular, tem esta edilidade dado o seu maior apoio e carinho à construção do imóvel que representa absolutamente o essencial para o progresso da cidade e do turismo de um modo geral.

Estamos certos que será considerada a utilidade turística e por consequência teremos na Horta d'El-Rei, o nosso grande Hotel Afonso III, em homenagem ao rei de Portugal que terminou a conquista do Algarve.

Mas o meu caro director terá ocasião de em breve, isto é, quando for feito o lançamento da primeira pedra, o que se deve verificar dentro de um mês, aproximadamente, de saber em pormenor do que se passa.

Foi pois com emoção que abraçamos o nosso prezado amigo Dr. Jorge Correia, felicitando-o muito sinceramente pela obra já realizada pois, temos bem presente na nossa memória de entre as realizações efectuadas graças à sua acção dinâmica e excepcionais dotes de inteligência, as seguintes: a criação da Escola Técnica, a expropriação e urbanização da Horta d'El-Rei, Palácio da Justiça, electrificação do concelho, criação da Zona de Turismo, etc. etc.

Esta tão volumosa e importante série de melhoramentos, num curto espaço de cinco anos parece-nos que explica bem a actividade despendida pela Câmara da presidência do Dr. Jorge Correia.

Sim, porque estas realizações, hoje palpáveis elementos de progresso do nosso concelho não cairam do céu como maná, foram sim, produto de exaustivo e inteligente trabalho e nitida compreensão do Governo.

## No Trigésimo Ano

Continuação da 1.ª página

onde os poetas incipientes escreviam suas primeiras rimas, onde os plúmitivos vagamente conscientes depunham, às mãos cheias, a semente das suas tentativas literárias, onde os ensaístas ensaiavam os seus acertos e desacertos e as almas românticas desabrochavam no reclame literário aos seus bons sentimentos... de pé de letra.

Proliferavam dedicatórias, «a incomparável Mlle. XYZ», dum admirador, naufrago de sonhos e patacas; «a Ti, que és como o cisne, a corsa ou a pomba», (nunca a formiga, a galinhola ou a coelha), «e tens cativo o meu coração ferido», à saudosa defunta ou defunto, ao compadre ou à costureira, dedicatórias mais pomposas que carros funerários, epigrafando textos falidos de interesse, quer para o indivíduo quer para a colectividade.

De ano para ano a Imprensa Regional tem, mais e mais, tomado contacto com a sua maior razão de ser e seguido rumo novo.

Cada jornal de província arde, hoje, como farol aceso no mar da consciência pública; uma voz a advertir, registrar, prevenir, sempre ao serviço da terra e da grande família humana. Alargou o seu âmbito sem lhe ficarem alheias as tentativas literárias ou puramente jornalísticas que se auspiciarem prometedoras.

Cada jornal de província é hoje o ponteiro luminoso que indica a hora certa dos destinos da nossa terra, que escia-

rece e difunde a verdade que há-de ser conhecida de todos.

A nossa consciência diz-nos que fizemos o que de melhor pudemos e subemos. Se o conseguimos, só tu, Leitor, poderias dizê-lo, não só como amigo mas também como juiz dum processo, de cultura, informação e recreio que dura há trinta anos contados.

## Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — Meninas Maria de Fátima Palmeira de Freitas, Maria Teresa Minhama e os srs. José Fernandes Horta e Manuel Ferro Marçal.

Em 1 — D. Maria da Estrela dos Santos, D. Judite Coelho Entrudo, meninas Olga José Dias Cruz, Maria João Lagoas Pereira, e os srs. Francisco Martins Entrudo Junior, Manuel Eugénio Pereira, Isidro José Leiria, António Martins Matos e Daniel Nunes Marcelino e o menino Carlos João Rodrigues dos Santos.

Em 2 — D. Maria Joana Arnedo, menino Manuel Sebastião Carmo de Jesus e os srs. Delfim Marcelino Nunes Valente, José António Costa e Narciso da Cruz Bento.

Em 3 — Mlle. Maria Manuela da Costa Mota e os srs. Manuel Ovídio dos Mártires Cruz e Ernestino dos Santos Raimundo.

Em 4 — D. Maria Josefa Corvo Peres Freitas e Silva e os srs. Amílcar Martins Campos, Miguel Bagarrão e Manuel Virgínia Pires.

Em 5 — Menino Amândio José de Neto Lopes e o sr. Adúbal António Calapez.

Em 6 — D. Cândida do Carmo Correia Estevão, menina Maria Filomena Beleza Domingues, menino Carlos João Rodrigues dos Santos e os srs. João da Cruz Parra e João Rosa Martins.

## TOTOBOLA

38.ª jornada 7/6/964

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

- |    |                        |         |
|----|------------------------|---------|
| 1  | Brasil — Portugal      | . . . 1 |
| 2  | Lusitânia — Ferroviár  | . . . 1 |
| 3  | Vianense — Feirense    | . . . 1 |
| 4  | Espinho — Leça         | . . . 1 |
| 5  | Braga — Leixões        | . . . x |
| 6  | Covilhã — Académica    | . . . 1 |
| 7  | Sanjoanen — Marinhen   | . . . 1 |
| 8  | Peniche — Beira Mar    | . . . 1 |
| 9  | Sacavenen — Atlético   | . . . 2 |
| 10 | Torriense — Selxal     | . . . x |
| 11 | Leões — Oriental       | . . . 1 |
| 12 | Lusitano V. R. — Faren | . . . 1 |
| 13 | Portimon — Barreiren   | . . . 2 |

Jorge Cruz

## Trespasse

Trespasse-se um estabelecimento de mercearias e vinhos, com boa clientela na Rua Dr. Oliveira Salazar — Luz de Tavira.

Quem pretender dirija-se a José Maria Viegas (Zuca Pintassilgo) no referido estabelecimento.

## Agradecimento

A família de Joaquim Rodrigues Barqueira, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e a todos os que manifestaram de qualquer modo o seu pesar.

## Despertar Sport Clube

FUNDADO EM 1920

BEJA

28 de Novembro de 1951

Ex.º Sr.

Proprietário da «Pensão Mateus» — Vila Real de S. António  
Pelas informações recebidas, não só dos jogadores como também do nosso Delegado ao jogo em Vila Real de Santo António não pode a Direcção do «Despertar» ficar indiferente à maneira gentil e tão cavalheiresca, como os nossos atletas foram tratados na modelar Pensão, que V. Ex.ª é mui digno garante.

Práticos como somos, nas muitas deslocações deste género, aprez-nos registrar, com sincero júbilo, a forma familiar como essa progressiva Pensão, sabe receber embaladas desta natureza, atitude que só dignifica a localidade onde existem.

Apresentamos a V. Ex.ª os nossos agradecimentos e oferecemos nesta cidade, todo o modesto préstimo que lhes possa ser útil.

Subscrevemo-nos com muita consideração e

Atenciosamente

Francisco da Cruz Martins

## ANTÓNIO CLAUDINO (Herd.ºs)

VILA NOVA DE CACELA

Casa de bicicletas com oficina de reparações de motorizadas e acessórios para as mesmas

Informa o público em geral de que é agente da acreditada marca ZUNDAP de origem e também representa qualquer montagem nacional com motor ZUNDAP. Tem também para vender ao público a última palavra em SCOTER POMI, com motor SACHS 4,2 de linhas aerodinâmicas isenta de carta. Peça qualquer informação pelo Telefone 31 — VILA NOVA DE CACELA